

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de São Paulo

Class.: \_\_\_\_\_

Data: 25.12.76

Pg.: \_\_\_\_\_

### Contato com branco trouxe alcoolismo e até macumba

Comparada à de Parelheiros, a tribo de Peruíbe parece privilegiada — e ainda assim sua situação está longe de ser satisfatória. As terras dessa aldeia pertencem por decreto aos guaranis e são suficientemente amplas: cerca de 200 alqueires, ou uma área quase igual à do distrito paulistano de Pinheiros, onde em 1974 já viviam quase 50 mil habitantes.

Um fabricante de aguardente instalou-se num dos extremos da aldeia, dentro de seus limites. Houve reação a princípio, mas, atualmente, os índios parecem indiferentes, numa demonstração de que a área não lhes faz falta. Com o ressentimento que ficou dos primeiros dias, no entanto, evitam aproximar-se do alambique, o que constitui alívio para os responsáveis pelo posto, temerosos de que eles pudessem, além de tudo, tornar-se fregueses do invasor.

A aldeia está a apenas 22 quilômetros do centro de Peruíbe, uma das cidades de maior movimentação turística do litoral Sul. Os índios, que não conservam nas roupas ou no corpo o mais remoto sinal de sua cultura primitiva, misturam-se a vendedores de bugigangas, nas praias, tentando comercializar seu artesanato. E, nessas andanças, muitos se iniciaram nos mistérios da macumba.

Também a miscigenação levou brancos ao seio da comunidade guarani. Basílio, um desses brancos, tem se saído um pouco melhor nos negócios com a banana e costuma irritar os demais habitantes do local quando retorna de táxi de suas visitas à cidade. Sempre que surge algum problema de interesse geral, Basílio esquiva-se de assumir responsabilidades, sob o argumento de que "eu não sou índio, vocês é que decidem".

Ronaldo, o chefe do posto, inclina-se a considerar irremediavelmente perdida a identidade cultural dos guaranis de Peruíbe. Mas a antropóloga Bernadette Franceschini é menos cética. Acha que no fundo os índios guardam muito de suas tradições, mas que são reservados. Ela própria insistiu muito para que a índia Jurema, uma das mais idosas, lhe mostrasse uma canção de seu povo. Depois de muito tempo, Jurema cedeu: "Agora que eu gosto de você, vou cantar", disse. Bernadette manifestou o desejo de gravar a música, mas a índia protestou: "Não quero que você mostre para os outros. Para eles eu só canto se pagarem".

A tribo de Peruíbe é a única, em todo o litoral paulista, a contar com um posto da Funai em sua área. Ali, os 106 índios, que compõem 17 famílias, dispõem de uma escola, atualmente ministrando aulas para turmas até o terceiro ano primário, e uma enfermaria.

Mas o esforço da subsistência encontra limitações na caça, pois as fazendas que se instalaram de todos os lados afastaram os animais. O solo é muito favorável à cultura da banana, mas esta só é viável com o plantio em grande escala e uma comercialização racional, o que exige uma infraestrutura inexistente. Os poucos índios que a produzem com pretensões maiores que a do consumo próprio acabam deixando a maior parte do lucro nas mãos dos intermediários.

#### CHOQUE CULTURAL

Mas o verdadeiro flagelo que atinge os guaranis de Peruíbe resulta de um choque cultural em que eles assimilaram mais os vícios do que as virtudes da sociedade ao redor. Não há um só índio adulto, em Peruíbe, que não cultive o hábito do álcool, variando apenas o grau de dependência. Em consequência, no ano passado, houve

um homicídio na aldeia. E certa vez o chefe do posto, Ronaldo Lima de Oliveira, viu-se obrigado a conduzir o índio Gandão, um dos mais sensíveis ao fascínio do álcool, à delegacia de polícia de Peruíbe. Como um "hóspede especial", já que Ronaldo recomendou aos soldados que não o molestassem, Gandão pernoitou na cadeia.

#### APATIA

O desencanto de Ronaldo talvez se origine do confronto com outros grupos indígenas que ele conheceu e que tornam os guaranis de São Paulo comparativamente apáticos. "Os índios do Norte têm amor à terra e sentem necessidade de trabalhar", afirma ele, lembrando-se dos palicus, no Amapá, onde chefiava um posto da Funai, antes de vir para São Paulo. Os 600 índios dessa aldeia, conta Ronaldo, abasteciam de farinha as cidades de Oiapoque e Clevelândia do Norte, bem como algumas do outro lado da fronteira com a Guiana francesa.

Além do nomadismo próprio do povo guarani, Ronaldo atribui o pouco empenho dos índios de Peruíbe à influência que receberam de "gente sem ambição", enquanto os palicus tiveram contato, há décadas, com franceses e portugueses entusiasmados com a agricultura. Os guaranis, porém, apontam causas mais próximas e evidentes para sua própria resistência à idéia de lavrar a terra: dizem não ter comida para se manterem até a colheita, preferindo dedicar-se ao artesanato, que rende pouco mas não exige espera.

Surgiu daí a idéia do projeto agrícola. Se ele for aprovado, os índios contarão com uma cantina que lhes garantirá o alimento até que as roças comecem a produzir. O projeto exigirá um investimento de cerca de 350 mil cruzeiros, incluindo o fornecimento dos alimentos, sementes e ferramentas, a construção do barraco da cantina e de um armazém para depósito da futura produção (o excelente deverá ser comercializado) e a instalação de uma bomba d'água. Será solicitada também uma viatura, com verba para manutenção.

Por enquanto, a precariedade da situação também resulta da limitação dos recursos materiais. De três em três meses, o posto recebe da Funai uma verba de 1.300 cruzeiros, destinada à compra de material de consumo, para a escola e a enfermaria, e à execução de serviços, geralmente relacionados com a manutenção da sede. E isso é tudo. Havendo necessidade de se locomover às pressas, Ronaldo é obrigado a utilizar seu carro particular, um Fusão 74, sem que a Funai lhe reembolse nem o combustível. O ônibus mais próximo passa a 2,5 quilômetros do posto, cinco vezes por dia.

Além disso, embora haja um escritório da Funai em São Paulo e uma ajudância em Bauru, o posto de Peruíbe está ligado, na prática, à delegacia de Curitiba. Uma nebulosa divergência teria cercado a reativação do posto, decidida diretamente pelo então presidente da Funai, general Bandeira de Melo, em 1973, ferindo suscetibilidades e originando, em certas alas, um espírito de oposição a Peruíbe, que não teve saída senão buscar o apoio paranaense.

Mas o projeto a ser examinado agora em Brasília é decisivo não só para a comunidade guarani de Peruíbe, e sim para um total de cerca de 300 índios, que vivem em condições ainda piores e cuja exata situação está sendo levantada pela antropóloga. A própria reação desses índios à idéia de um engajamento efetivo na lavoura é ainda uma incógnita. Mas, como diz Bernadette "se não se fizer nada desta vez, eles nunca mais acreditarão em ninguém".